



**Centro Universitário de Brasília
Instituto CEUB de Pesquisa e Desenvolvimento - ICPD**

AMANDA FERNANDES MIRANDA

**O QUE EU QUERO MAIS É SER REI: MORTE SIMBÓLICA DO
PAI E CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO – UM ESTUDO
PSICANALÍTICO SOBRE O FILME “O REI LEÃO”**

Brasília
2017

AMANDA FERNANDES MIRANDA

**O QUE EU QUERO MAIS É SER REI: MORTE SIMBÓLICA DO
PAI E CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO – UM ESTUDO
PSICANALÍTICO SOBRE O FILME “O REI LEÃO”**

Trabalho apresentado ao Centro
Universitário de Brasília
(UniCEUB/ICPD) como pré-requisito
para obtenção de Certificado de
Conclusão de Curso de Pós-graduação
Lato Sensu em Teoria Psicanalítica.

Orientadora: Profa. Dra. Márcia Teresa
Portela de Carvalho

Brasília
2017

AMANDA FERNANDES MIRANDA

**O QUE EU QUERO MAIS É SER REI: MORTE SIMBÓLICA DO
PAI E CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO – UM ESTUDO
PSICANALÍTICO SOBRE O FILME “O REI LEÃO”**

Trabalho apresentado ao Centro
Universitário de Brasília
(UniCEUB/ICPD) como pré-requisito
para a obtenção de Certificado de
Conclusão de Curso de Pós-
graduação *Lato Sensu* em Teoria
Psicanalítica.

Orientadora: Profa. Dra. Márcia
Teresa Portela de Carvalho.

Brasília, 10 de novembro de 2017.

Banca Examinadora

Profa. Dra. Márcia Teresa Portela de Carvalho

Profa. Me. Maura Cristina de Carvalho

Prof. Dr. Gilson Ciarallo

A Painho e a Mainha.

“Se, só se sabe ensinante aquele que transmite um não saber, talvez então, meu pai tenha sido um bom professor.”

Mariotto, 2004.

RESUMO

Tomando como base a psicanálise freudiana, este trabalho tem por objetivo o estudo da função paterna e sua configuração na atualidade, partindo do foco de qual é a sua importância na estruturação psíquica do sujeito e como a morte do pai é vivenciada psiquicamente. São apresentadas algumas maneiras de como o pai aparece na obra freudiana e nas obras de outros autores psicanalíticos, acrescentadas algumas contribuições lacanianas sobre o referido tema. Para realização dele, partiu-se de questões tais como: o que é um pai para a psicanálise; qual a diferença entre pai e função paterna; qual a importância da função paterna na constituição psíquica do sujeito; e como a morte simbólica do pai é vivenciada psiquicamente. A fim de alcançar tais objetivos e na tentativa de responder estas questões, foi escolhido realizar a análise do filme “O Rei Leão”, utilizando seus elementos para exemplificar alguns acontecimentos da vida real. Além disso, foi feito um estudo das obras freudianas que se referiam ao tema da paternidade e também das de outros autores que acrescentaram elementos referentes ao assunto com suas contribuições. Concluiu-se que existe a necessidade de haver a presença da função paterna para que ocorra uma constituição psíquica mais saudável e que parte dela ocorre com a morte simbólica do pai e a internalização de sua lei.

Palavras-chave: Psicanálise. Morte simbólica do pai. Constituição psíquica. Função paterna. O Rei Leão.

ABSTRACT

Focusing on Freudian psychoanalysis, this paper's objectives are to study the fatherly role and its present day configuration, centering on its importance on the subject's psychological structure and how the father's death is experienced psychologically by that subject. A few depictions of father roles on Freud's work will be presented, as well as other authors, highlighting some of Lacan's thoughts about the topic. To develop this paper, a few questions had to be addressed, such as: what being a father means to psychoanalysis; what is the difference between being a father and exercising a father role; what is the importance of the father role in molding a subject's psychology; and how is symbolic death dealt with psychologically. In order to reach those objectives and to answer these questions, this paper will analyze the movie "The Lion King", by using its elements to illustrate real life developments. Also, this paper showcases some of Freud's works regarding paternity, as well as other authors who have brought different elements about the matter. In conclusion, it was shown that a fatherly role must exist in order to develop a healthier psychological constitution and that, part of this, begins with the symbolic death of the father and how the subject internalizes their law.

Key words: Psychoanalysis. Fatherly role. Symbolic death of the father. Psychological constitution. The Lion King.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	08
1 O PAI PARA A PSICANÁLISE	14
1.1 Do pai e da função paterna: um olhar psicanalítico.....	16
1.2 O declínio do autoritarismo, mas não da autoridade.....	19
1.3 A função paterna e a cultura.....	21
1.4 A interdição do pai e a internalização da lei: um caminho a ser percorrido.....	22
2 O REI LEÃO: UMA COMPREENSÃO PSICANALÍTICA ACERCA DA FUNÇÃO PATERNA	25
2.1 Ciclo da Vida: o nascimento de Simba.....	27
2.2 Os limites de Simba e sua transgressão.....	31
2.3 O processo de retorno de Simba: a busca de sua identidade, a introjeção da lei e a identificação com o pai.....	35
CONCLUSÃO	38
REFERÊNCIAS	42

INTRODUÇÃO

Muito se fala acerca do tema paternidade nos dias de hoje. Essa fala perpassa tanto as questões sociais quanto as questões teóricas, podendo fazer parte de diferentes tópicos de discussões e abrangendo definições tantas quanto possíveis. Neste trabalho, o tema será tratado dentro da vertente psicanalítica, com foco principal na teoria freudiana, mas também trazendo algumas contribuições lacanianas do referido assunto.

Em uma visão sociológica, percebemos como o conceito de pai vem mudando ao longo dos anos (JAGER; BOTTOLI, 2011; ZORNIG, 2010; GOMES; RESENDE, 2004). Ele passou de detentor absoluto do poder para aquele que compartilha suas decisões e também o afeto que é dedicado aos filhos. Já na visão teórica e dentro da imensa possibilidade de rumos possíveis a serem tomados dentro da questão do pai, foi escolhido falar sobre o pai morto, sua morte simbólica e a importância que ele possui na constituição psíquica de uma criança. O que a psicanálise, que estuda a vida psíquica dos seres humanos, tem a dizer sobre isso?

O pai é colocado por Freud, em vários textos que tratam do assunto (*Moisés e Monoteísmo*, *Totem e Tabu*, *A dissolução do complexo de Édipo*), como alguém que tem um papel fundamental na estruturação psíquica do sujeito. Além disso, esse tema faz parte de várias discussões psicanalíticas e aparece de diversas maneiras em textos que tratam da cultura e da organização social. É comum encontrarmos textos em que se trata da morte do pai, outros que falam de sua falência ou, também, de seu poder enfraquecido (FERREIRA, 2012; EMIDIO; HASHIMOTO, 2012; JESUS, 2009). Porém, cabe ressaltar que, apesar das tantas formas de falar do pai, algo que têm em comum é tratar da sua figura e de sua significação.

Freud, em seu artigo intitulado *Totem e Tabu* (1913-1914/1996), trata do tema considerando a morte do pai totêmico e abordando o mito da horda primeva. Neste artigo, Freud discute como cada sujeito possui um desejo inconsciente de morte do pai e, a partir dessa morte, a lei e a proibição são

instauradas psiquicamente. Ainda no referido texto, percebemos a importância desse assassinato do pai para que o sujeito internalize sua interdição, visto que aquele que está morto não pode ser questionado nem sua lei pode ser duvidada.

Além disso, Freud (1913-1914/1996) expande o conceito de pai para além do biológico e dá a ele a importância de ser um terceiro elemento na relação dual e simbiótica entre a mãe e a criança. Ao ocupar o lugar de terceiro na relação, o pai introduz o sujeito na cultura, instaura a falta e constitui o sujeito como um sujeito desejante, sempre em busca de algo para além da mãe e de si mesmo.

A partir das várias ramificações que a psicanálise seguiu desde seu surgimento, cabe destacarmos a importância dos conceitos de Lacan (1938/2003) para agregar conhecimento ao referido tema. Este autor introduziu o conceito de função paterna que exemplifica uma função que está para além do próprio sujeito que a exerce, não sendo necessariamente um indivíduo biologicamente macho, mas aquele que apresenta à criança a autoridade e a lei, instituindo os limites necessários para se viver em sociedade.

A utilização do termo “função” é justificada nos dias atuais por vivermos um momento em que se torna cada vez mais difícil diferenciar aquilo que é somente da mãe daquilo que é só do pai. Existem infinitas maneiras de se constituir uma família e, em cada uma delas, devem estar presentes tanto a função materna quanto a função paterna. Essa necessidade está para além da presença física de um pai ou de uma mãe. Ou seja, está muito mais ligada a alguém que possa desempenhar as funções que a eles são referidas: nutrir, cuidar, interditar, nomear. Havendo essas funções presentes no ambiente familiar em que a criança está se constituindo, é possível que ela se desenvolva psiquicamente de maneira mais saudável.

Essa constituição psíquica saudável está também relacionada com a passagem pelo complexo de Édipo, que é compreendida como o complexo nuclear das neuroses (FREUD, 1905/1996). O sujeito, ao atravessar esse complexo, percorre um caminho em que os sentimentos pelo pai tornam-se

ambíguos, em que aquele por quem possuía toda admiração torna-se seu rival e o desejo de matá-lo fica ainda mais intenso para poder ocupar seu lugar junto à mãe. O pai, antes visto como tão grande e poderoso, acaba sendo colocado no lugar de alguém que impossibilita a realização dos desejos do filho. Por isso, ele deve ser morto e incorporado, com o objetivo de adquirir tudo aquilo que ele possuía, que a mãe desejava e que a criança não tinha.

É a partir da compreensão desses desejos inconscientes que podemos falar da morte simbólica do pai. Para que a lei seja fundada no pai é necessário que ocorra sua morte simbólica (LACAN, 1958/2005), o que significa que o sujeito concluiu sua passagem pelo complexo de Édipo e pelo complexo de castração. Emidio e Hashimoto (2012) ressaltam a importância dessa passagem para que haja a construção do superego no sujeito, sendo instituídas a lei e a autoridade.

Rehbein (2014) também discorre sobre a relação entre o pai simbólico e o surgimento do sujeito, pois um sujeito só nasce verdadeiramente quando é apresentado por outro a um outro. É o pai quem irá separar o bebê da mãe, carregando a importância de não deixar que o bebê se torne uma extensão do corpo da mãe e, quando se separar, possibilitar o nascimento como sujeito.

Freud partiu da vivência clínica e do estudo de caso de seus pacientes para poder elaborar a teoria psicanalítica. A psicanálise sente-se à vontade dentro do terreno das histórias, fazendo uso delas para compreender os fenômenos que ocorrem nos seres humanos. Afinal, o que é uma vida senão uma sucessão de histórias? O que é uma análise senão uma narrativa de ficções nas quais o sujeito está inserido?

Frequentar as histórias imaginadas por outros, seja escutando, lendo, assistindo a filmes ou a televisão ou ainda indo ao teatro, ajuda a pensar a nossa existência sob pontos de vistas diferentes. Às vezes, uma história ilustra temores de que padecemos, outras, encarna ideais ou desejos que nutrimos, em certas ocasiões ilumina cantos obscuros do nosso ser. (CORSO; CORSO, 2006, p. 21)

Apresentando um livro baseado nas histórias infantis, Corso e Corso (2006) fazem uma análise dos contos de fadas fundamentada na teoria

psicanalítica. É possível perceber que essas histórias infantis possuem elementos inconscientes que são inerentes a todos os indivíduos, além de representarem metáforas daquilo que observamos nas relações entre os sujeitos sejam elas amorosas e/ou familiares e nas construções de identidades masculina ou feminina. Ademais, encontramos nessas histórias formas de elaborar conflitos internos e de identificar algo nosso naquilo que se passa com personagens fictícios.

A partir disso, foi decidido realizar a análise da animação *O Rei Leão* da Walt Disney Pictures de 1994, a fim de tratar do tema da paternidade, da morte simbólica do pai e da constituição psíquica do sujeito. Parte-se do pressuposto que os elementos psíquicos infantis estão presentes em todas as etapas da vida do sujeito, sendo possível analisar esse drama animado com conteúdos inconscientes atuais e consagrados.

O tema do presente trabalho surgiu a partir do interesse suscitado após discussões em sala de aula e teoria aprendida durante o Curso de Pós Graduação em Teoria Psicanalítica. Falar de paternidade e do desempenho da função paterna é algo que instiga a novos saberes e a diferentes formas de enxergar esse fenômeno, possibilitando uma ampliação do conhecimento acerca do tema. Além disso, é algo que está sempre presente na clínica psicanalítica, seja em primeiro plano ou como elemento que surge dentre tantas outras questões.

Ao iniciar os estudos para elaboração desta monografia, foi possível perceber como os teóricos levantam as questões sobre a função paterna. Além de Freud e Lacan, percebemos como outros autores (MARIOTTO, 2004; REHBEIN, 2014; REIS et al., 2015) trazem o referido tema para a atualidade e seus desdobramentos nas questões sociais. Trata-se muito da importância da instituição da autoridade na vida do sujeito, de como é necessário o surgimento do terceiro na relação dual mãe e criança e de como se dá a interdição paterna. Além disso, cabe ressaltar a vivência da morte simbólica do pai como processo para que a lei seja internalizada.

Com isso, tem-se como objetivo o estudo da função paterna e sua configuração na atualidade, partindo do foco de qual é a sua importância na estruturação psíquica do sujeito e como a morte do pai é vivenciada psiquicamente. Ainda, objetiva-se compreender o fenômeno da passagem da vivência da morte simbólica do pai pelo sujeito tendo como ponto de partida a análise do filme *O Rei Leão*.

Para que seja alcançado tal objetivo, inicia-se o trabalho a partir das questões:

- 1) O que é um pai para a psicanálise?
- 2) O pai e a função paterna: o que podemos diferenciar em cada um desses conceitos?
- 3) Qual é a importância da função paterna para a constituição psíquica do sujeito?
- 4) Como é vivenciada psiquicamente a morte simbólica do pai?

Para a realização deste estudo teórico-reflexivo, foi utilizado o referencial psicanalítico. Dentro disso, o trabalho foi construído a partir da leitura de artigos, teses e livros que tratavam da questão do pai e da função paterna e foi elaborada uma análise a partir da reflexão sobre as questões acima. Como forma de configurar um exemplo do tema exposto, foi utilizado o filme *O Rei Leão* como base para exemplificar a teoria apresentada de forma a metaforizar a vivência de alguns personagens do drama para a vida real.

No primeiro capítulo, abordamos os temas da paternidade, do ser pai e da função paterna dentro de um referencial psicanalítico. Perpassando por algumas mudanças que a compreensão de o que é “ser pai” sofreu, abordamos alguns teóricos que contribuíram com a visão sociológica dessas mudanças e, depois, com a introdução do tema e de sua importância na teoria psicanalítica. Já no segundo capítulo, tratamos do mesmo tema exemplificando-o com o filme *O Rei Leão*. Dentro desta análise, fazemos um paralelo entre a teoria e o que é mostrado na animação, fazendo uso das

metáforas entre o que é vivido pelos personagens com o que passamos em nossas vidas.

1 O PAI PARA A PSICANÁLISE

Tem sido muito discutido, nos dias de hoje, a questão do pai na sociedade. A psicanálise nos traz um recorte teórico sobre esse tema que vale a pena ser pesquisado. A compreensão sociológica do que é ser pai já sofreu inúmeras e grandes mudanças através dos anos nos diversos modos de concebermos a família. Na família dita patriarcal, por exemplo, o pai era aquele que detinha o poder de vida e de morte de todos os membros da família (AMAZONAS; BRAGA, 2006). Ademais, era responsabilidade do homem prover economicamente a casa e manter a ordem familiar, ocupando dentro dela o posto mais alto hierarquicamente. O que foi entendido durante muito tempo por pai na sociedade não necessariamente condiz com o que a psicanálise desenvolveu teoricamente como um conceito de pai e, além disso, de função paterna.

O pai era uma figura distante do âmbito familiar, cumprindo seus deveres no ambiente público. Ao ambiente privado, cabia às mulheres sua organização e cumprimento de demandas. Disso, tem-se que quanto mais distante, mais autoridade o pai possuía (COSTA, 2004). Os sentimentos íntimos eram dispensáveis e o medo à punição bastava para que a obediência fosse constante e inquestionável e, ainda, a noção de certo e errado coincidia com os ditames do pai.

Com o passar dos anos, esse entendimento vem se modificando e gerando grande variação de resultados, questionando-se a autoridade paterna. Onde antes havia um tipo de diferenciação entre a paternidade e a maternidade no âmbito familiar, na atualidade abrem-se novas possibilidades de alternância desses locais e ampliam-se os seus questionamentos. O homem da atualidade vem descobrindo, aos poucos, novos lugares de exercício da paternidade. Amazonas e Braga (2006) articulam o conceito de pai com as mudanças sociais, colocando-o como o homem que, além de fazer a ponte entre o público e o privado da família, também divide com sua mulher os cuidados e afetos dos filhos.

O pai continua tendo seu lugar de importância mesmo nas novas configurações familiares – família monoparental, homoparentalidade, uso de métodos científicos para procriação, etc. –, possibilitando que os sujeitos de ambos os sexos percorram caminhos de vivência da função materna e da função paterna. Essas novas possibilidades de configurações familiares, seus novos arranjos, onde o pai está inserido também nos afazeres domésticos, fizeram que a teoria avançasse no sentido de precisar diferenciar pai de função paterna.

Senna et al. (2010), ao realizarem uma pesquisa com objetivo de investigar o declínio do modo como compreendemos a paternidade na contemporaneidade, escreveram sobre ela e como ela foi aparecendo e se desenvolvendo dentro da obra de Freud. As autoras questionam-se sobre o que seria ser “pai” para a psicanálise e mostram como Freud foi um dos responsáveis em desatrelar a paternidade da função biológica e em expandir esse conceito. Existiu, naquela época, uma necessidade de circunscrever algo para além do biológico que demonstrasse como o pai participa da origem do funcionamento psíquico de uma criança. Com isso, Freud expandiu o conceito seguindo em direção à cultura e acabando com a restrição que havia em relação à natureza, dando lugar a uma representação simbólica e a uma linguagem e, assim, inaugurando uma nova maneira de compreensão da constituição do sujeito.

Esse modo como vemos o lugar do pai não está relacionado com o desempenho de um indivíduo biologicamente macho, nem se resume a um acontecimento limitado ao tempo e à família nuclear, mas sim a um processo dinâmico que tanto antecede quanto acompanha o sujeito que por ela é estruturado.

E o que é essa função paterna? Psicanaliticamente, estaríamos expandindo o conceito sociológico de pai. A função paterna não está atrelada, necessariamente, ao biológico e ao genitor, mas a uma operação que introduz um terceiro que desestabiliza a dualidade inicial mãe-bebê, fazendo surgir a falta, o desejo e um sujeito (MONTEIRO, 2000).

Hoje, esse lugar ocupado pelo terceiro na relação está muito mais complexo do que aquilo que entendíamos de paternidade a partir do que Freud dizia. Silva (2007) afirma que, independente do lugar em que esteja, qualquer sujeito seria capaz de se apresentar como outro na constituição do sujeito através do discurso da mãe.

É pela intervenção daquele que exerce a função paterna, a entrada de um terceiro, que a criança sai da dualidade mãe-bebê – a única realidade que conhecia até então – e abre-se para a existência de um mundo mais amplo, onde nem tudo que deseja pode ser realizado. Essa criança deixa de existir nessa completude inicial para se deparar com um mundo de desejo e de falta, um universo simbólico da linguagem e das leis, e, assim, constituir-se como sujeito. A função paterna sinaliza a existência do outro e insere o sujeito na cultura e no social.

1.1 Do pai e da função paterna: um olhar psicanalítico

Alguns autores tratam do fato de Freud falar do tema da paternidade em sua obra com uma importância maior em relação ao “pai morto”. Gomes (2003) realiza um levantamento acerca do tema, mostrando algumas obras que Freud utilizou como recurso para introduzir o assunto dentro da teoria psicanalítica. Após a leitura de algumas obras literárias, Freud percebeu como o tema do assassinato do pai estava presente muitas vezes permitindo que os autores dessas obras realizassem o desejo do parricídio e do incesto.

Construindo a teoria a partir da prática clínica, foi possibilitado a Freud observar as relações que seus pacientes faziam entre traumas vividos com algo que ocorreu na infância, estando eles relacionados à sexualidade (RIBEIRO, 2006). O psicanalista acreditava que as fantasias possuíam uma realidade psíquica que era experimentada como real para o sujeito, incluindo aí o desejo de morte do pai, que podia ser vivenciado simbolicamente.

Um artigo freudiano que nos traz muitas informações acerca da compreensão do pai em uma sociedade é o *Totem e Tabu* (FREUD, 1913-1914/1996). Nesse artigo a concepção de pai é dada como aquele que introduz a rede simbólica, que confirma o nome e a lei. A resposta para a questão “o que é um pai” é dada por Freud através de um mito científico em que apresenta um pai criado na tentativa de dar um nome, de representar o irrepresentável.

Neste texto, Freud (1913-1914/1996) relata uma narrativa de um tempo pré-histórico em que existiria um pai terrível e prepotente, que teria posse de todas as mulheres da horda. O filho que não seguisse as ordens do pai era castrado e morto. Porém, um grupo de filhos expulsos da horda resolveu enfrentar esse pai, matá-lo e devorá-lo, movido pelo desejo das mulheres do grupo. Contudo, após a morte do pai, quem iria assumir seu lugar? Não seria possível um único filho acabar com a existência dos demais e, com isso, eles se depararam com um limite não imposto arbitrariamente, mas existente de uma proibição observada no limite real da realização do desejo do incesto.

Após o assassinato do pai, os filhos são obrigados a abrirem mão do desejo de ocupar seu lugar e de gozar estar neste lugar, renunciando à onipotência e cumprindo a lei primária: não tocarás nas mulheres da horda. Promove-se, aqui, um assentamento da lei e do limite onde antes reinava a desordem (SILVA, 2007). Para Gomes (2003), a leitura de *Totem e Tabu* desvenda que a morte do pai não liberou o acesso à satisfação pulsional; pelo contrário, intensificou sua interdição. Ao invés de viverem o que antes era proibido, os filhos criam um substituto para o pai, inicialmente na figura do totem e, posteriormente, na figura de Deus – um pai glorificado.

E o que é um totem? “Via de regra é um animal (comível e inofensivo, ou perigoso e temido) e mais raramente um vegetal ou um fenômeno natural (como a chuva ou a água), que mantém relação peculiar com todo o clã” (FREUD, 1913-1914/1996). O autor trata aqui da existência de uma lei contra as relações sexuais entre pessoas do mesmo totem sempre que o encontra presente em determinada cultura. Freud está falando da exogamia como sendo uma instituição relacionada com o totemismo.

Freud conclui neste texto que a lei só proíbe aquilo que o sujeito seria capaz de realizar sob a pressão de alguns de seus instintos e que há uma grande diferença entre o desejo de matar o pai e o ato em si. O fato de matá-lo não garantiu a realização do desejo e acabou surgindo um forte sentimento de culpa. É importante ressaltar que, para que a culpa exista, é suficiente que exista o sonho do referido desejo.

Para a psicanálise, não existe a versão inata do desejo do incesto, pois afirmar tal coisa seria negar a constituição do sujeito a partir do complexo de Édipo (SILVA, 2007). Freud recorre ao mito da horda primitiva para fazer uma associação com o totemismo e o Complexo de Édipo, uma vez que existe em ambos uma figura que dita e que representa a proibição do incesto.

Segundo a teoria freudiana, a introdução da função paterna ocorre no processo de passagem pelo Complexo de Édipo. Freud (1923/1996) diferencia como o complexo ocorre para os meninos e para as meninas.

No caso dos meninos, em idade muito tenra, a identificação com o pai acaba se revestindo de hostilidade e nasce o desejo de se livrar do pai e assumir seu lugar junto à mãe. Sua relação com o pai se expressa numa dualidade de sentimentos, entre amor e ódio. No centro do Complexo de Édipo está a castração, que é o organizador simbólico das pulsões. A castração coincide com o momento de diferenciação anatômica dos sexos e da representação psíquica que a criança faz em decorrência dessa diferenciação. A partir de então, a mãe introduz o pai através do discurso como modelo e juiz castigador, surgindo também a impotência da mãe frente à castração (SILVA, 2007).

Na dissolução do Complexo de Édipo no menino, a catexia objetal deveria ser abandonada por ele e, então, ser preenchida por uma identificação com a mãe ou uma intensificação de sua identificação com o pai (SILVA, 2007).

Já o Complexo de Édipo nas meninas é considerado por Freud mais simples que nos meninos. Este complexo basicamente se restringe a adotar uma postura hostil para com a mãe e assumir uma atitude feminina para com o

pai. A menina tolera a renúncia ao pênis como uma compensação: um bebê. O complexo de Édipo culmina com o desejo de dar ao pai um filho como presente, desejo que não é realizado mas que permanece catexizado no inconsciente e prepara-a para seu papel futuro de mulher.

É após a vivência do Édipo que a criança renuncia o gozar através da mãe e onde a função paterna é aquela que possibilita o surgimento do desejo nesse sujeito em constituição. A função paterna introduz a proibição do incesto e faz surgir caminhos para que o sujeito entre no mundo da cultura. É graças a essa função que o complexo de Édipo será superado e a lei será introjetada, tornando o superego o herdeiro deste complexo.

E a autoridade do pai ou dos pais é introjetada no ego e aí firma o núcleo do superego, que assume a severidade do pai e perpetua a proibição deste contra o incesto, defendendo assim o ego do retorno da catexia libidinal. As tendências libidinais pertencentes ao complexo de Édipo são em parte dessexualizadas e sublimadas e em parte são inibidas em seu objetivo e transformadas em impulsos de afeição (FREUD, 1924/1996, p. 196).

Ao falar do complexo de Édipo e do complexo de castração, Silva (2007) percorre a teoria freudiana e afirma que a organização resultante desses dois complexos é uma representação simbólica que possibilita o acesso à cultura a partir da constituição do superego, que é encarregado de manter a proibição do incesto e a interiorização da lei.

1.2 O declínio do autoritarismo, mas não da autoridade

Com o exposto até então, percebemos que na obra de Freud o pai foi construído como o “pai morto”, isto é, só se tem acesso a ele de modo simbólico. E o que podemos pensar acerca de um pai morto como um simbólico para uma sociedade?

Falar de um pai morto socialmente implica em mostrar como a sociedade está em um movimento de negação de tudo aquilo que representaria a autoridade absoluta. É comum ouvirmos vários meios de comunicação

dizendo como os jovens estão sem referência, como as instituições que representariam leis e normas (Igreja, Estado, escolas, etc) encontram-se cada vez mais falidas.

Gomes e Resende (2004) tratam da questão mostrando que, nos dias atuais, os modelos de família organizados na hierarquia e regidos pela severidade de princípios vêm sendo substituídos por diferentes formas de organização, nas quais o autoritarismo e absolutismo do pai vêm sendo questionados e não havendo mais lugar para este tipo de domínio que era exercido sobre o grupo.

Porém, a negação do autoritarismo não implica em uma negação da autoridade. Rehbein (2014) faz uma leitura lacaniana acerca do tema do declínio da autoridade paterna e acredita que essa imagem precária do pai, de um pai fraco e carente, implicaria em um empobrecimento da pulsão do sujeito no período edípiano.

O complexo de Édipo, por ser um organizador legalizante de uma sociedade, é a base atual de nossas relações com a cultura e a civilização ocidental (REHBEIN, 2014). E, para que ele ocorra, é necessário que haja a presença de um pai que é visto inicialmente como o detentor do falo e que interditará a relação simbiótica mãe-bebê.

Ainda em seu texto, Rehbein (2014) reafirma a importância da existência desse pai introduzido pelo discurso da mãe na relação com seu filho, mostrando que o declínio da função dessa imago paterna também significa um declínio na organização da família e da sociedade patriarcal.

Silva (2007) traz essa questão da morte do pai dentro da obra freudiana "Totem e Tabu". Como já vimos, Freud mostra que a morte do pai não liberou o acesso à satisfação pulsional, pelo contrário, fez com que a interdição fosse intensificada. Ao sentir uma angústia tão grande quando já não havia mais um pai, os filhos criaram um substituto para ele na figura do totem. Era necessário que houvesse a representação da lei e da autoridade.

Cabe ressaltar que falar dessa negação do pai e de seu autoritarismo não está relacionada com a negação do masculino em si. Percebemos novas configurações familiares na atualidade nas quais, inclusive, esses pais nem ao menos fazem parte da vida cotidiana das crianças, mas que o referente simbólico da função de lei deve ser apresentado para esses pequenos sujeitos, a fim de que se possibilite uma constituição psíquica saudável. Temos, então, a necessidade de existência de uma autoridade, mesmo que essa não seja a autoridade do genitor.

1.3 A função paterna e a cultura

Todo esse processo edípico vivido possibilita à criança se constituir como sujeito autônomo, descobrindo-se portadora de um pensar e de um desejo, ao mesmo tempo em que se desenvolve a noção de alteridade. A criança passa a compreender que não pode possuir nem ser tudo aquilo que deseja, que há algo que existe para além dela. Essa proibição delimita suas possibilidades na vida, coloca regras em sua existência e faz cada vez mais presente a cultura em que está inserida.

Percebe-se, aqui, a afirmação intensa do princípio da realidade em concorrência ao princípio do prazer. Freud (1923/1996) diz que a culturalização educa, molda, enquadra e controla o ego que aprende a adiar o prazer em nome do princípio da realidade. Não se pode afirmar que esse prazer será satisfatório uma vez adiado, mas é feito em nome de algo que o sujeito não tem voz, a força da culturalização.

A relação existente entre a função paterna e as ações da cultura diz respeito a esse adiamento da realização do desejo. A cultura é o identificador do coletivo e a função paterna é aquela que introjeta a cultura no sujeito. Tanto uma quanto a outra acabam gerando sentimentos ambivalentes no sujeito: sem elas não há forma de existir como sujeito social e desejante e, com elas, deve-se abrir mão da vivência pura do princípio do prazer.

A interdição paterna gera sentimentos de segurança e sentimentos hostis concomitantemente e a cultura, da mesma forma, protege o indivíduo contra sua própria natureza e regulamenta os relacionamentos humanos, ao mesmo tempo em que frustra, desaponta e gera desigualdades (MONTEIRO, 2000). A incompetência da função paterna faz surgir sujeitos marginalizados na sociedade, uma vez que não saberiam lidar com os limites e interdições, assim como a incompetência da manutenção de uma cultura pode fazer desaparecer sociedades e até civilizações. Nesses dois espectros, acaba existindo a vivência dupla de sentimentos bons com sentimentos hostis, de amor e de ódio.

1.4 A interdição do pai e a internalização da lei: um caminho a ser percorrido

Ainda que a cena edípica deixe clara a triangulação da relação, ou seja, que existe a presença do outro, este outro passa a existir no psiquismo do sujeito em uma condição interna. Isso significa que a alteridade do pai, suas leis e suas interdições passam por um processo de internalização.

Segundo Freud (1913/1996), em *Totem e Tabu*, o totem é descrito como um ancestral comum a todo um clã. Ele pensa, então, o sistema totêmico como um pacto com o pai. Neste texto, Freud defende a ideia de que o assassinato do pai teria liberado uma satisfação pulsional nos filhos, pois a partir da morte do pai seria possível ocupar seu lugar junto à mãe. O pai, até então tido como o “todo-poderoso”, assimilava sua lei ao desejo, mas sua morte revela um sentimento paradoxal, que Silva (2007) descreve como:

[...] se a morte é condição para livrar-se dele, aqui surtiu um efeito contrário. A morte reiterou sua presença. O pai morto tornou-se mais forte do que quando era vivo. A lei não precisa mais ser mantida à força, pois está agora internalizada; antes tinha-se um tirano, agora depois de morto, tem-se um pai; o pai morto torna-se simbólico, por isso relaciona-se com a lei. (SILVA, 2007, p.76)

A partir da morte e da identificação com o pai (ocorrida pela incorporação) desenvolve-se o sentimento de culpa, o que faz que surja, entre os irmãos, a lei que proíbe o incesto e o parricídio. O que antes era obedecido por causa da presença do pai, passa a ser cumprido por causa de uma lei. Vê-se que inicialmente o pai impedia a satisfação pulsional e os filhos matam-no a fim de incorporar sua força e poder. Com a culpa que surge e com o vazio que se torna presente devido à ausência do pai, os filhos anulam o fato ocorrido firmando a lei de proibição de morte do totem e, então, a lei se instaura.

Com isso, observa-se que a função paterna é simbólica: o pai não precisa estar presente fisicamente para que a lei seja internalizada e seja efetiva. Ou seja, a presença de um pai na realidade não garante, necessariamente, a função que é estruturante na operação. Diferentemente do mito do pai primevo, essa morte do pai não precisa ser atuada, mas vivida psiquicamente pela criança para que sua interdição torne-se interna ao sujeito.

Aqui, pode-se concluir que a função simbólica do pai é a do pai morto e é por isso que o pai, nesta condição, relaciona-se com a lei. Aquele que está morto não pode mais ser questionado, desvalorizado e desmentido. Com a morte simbólica do pai, o sujeito percebe-se faltoso e sempre em busca de algo, no processo de compreender que não é possível fazer tudo aquilo que deseja.

Com o passar dos anos e com as ramificações que a teoria psicanalítica foi tendo, outros autores deram continuidade às ideias freudianas. É importante ressaltar a relevância que Lacan teve para o prosseguimento da compreensão do lugar do pai na psicanálise, chegando a tratar, mais especificamente, da função paterna. Ainda que o viés do presente trabalho não seja lacaniano, é importante ressaltar sua contribuição quando se fala de morte simbólica do pai e de sua função. Lacan (1958/2005) afirma que, para que haja uma lei fundada no pai, deve ocorrer o assassinato dele, estando as duas situações atreladas entre si. Para o autor, o pai morto é o pai que promulga a lei, sendo ele o pai simbólico.

Silva (2007), ao falar do pai, realiza um estudo cronológico dessa ideia dentro da psicanálise e ressaltta pontos importantes do tema com uma leitura lacaniana. A função paterna no complexo de Édipo em Lacan é dividida em três tempos, sendo eles:

- 1) Primeiro tempo: a criança se identifica como sendo objeto de desejo da mãe e suscetível a preencher a falta do outro, sua questão girando em torno de ser ou não ser o falo. O pai ainda não está em cena.
- 2) Segundo tempo: o pai entra em cena como privador da mãe e passa a ser ele o suposto detentor do falo. Aqui, o pai é levado à instância de pai simbólico.
- 3) Terceiro tempo: a intervenção do pai é a partir da ótica daquele que tem o falo e não como aquele que o é em si, reinstaurando o falo como desejo da mãe. A criança percebe que tem algo no pai que a mãe deseja e o pai acaba tornando-se alguém a quem se espelhar através da identificação.

Para este autor, o pai seria constituído como uma função, como uma metáfora, pois a paternidade tem muito mais de cultural que de natural. E, por se relacionar com a lei, existe a necessidade de ocorrer o assassinato dele para que a lei seja fundada no pai. O pai que determina a lei é o pai morto, ou seja, o símbolo de um pai.

Dentro da estrutura edipiana, Lacan delimita o lugar do pai como uma metáfora: ele não precisa ser um objeto real, mesmo que deva agir como objeto real para efetuar a castração (LACAN, 1958/2005). Segundo o autor, é o nome-do-pai que cria a função de pai e, como não se pode restringir o pai a uma figura e sim a uma função, ele não tem nome próprio, mas vários nomes que perpassam pela gama de suportes que sua função possui.

2 O REI LEÃO: UMA COMPREENSÃO PSICANALÍTICA ACERCA DA FUNÇÃO PATERNA

[...] a análise de histórias acaba sendo uma forma mais agradável de entrosamento com a teoria psicanalítica, pois aqui se pode vê-la em funcionamento. Evidentemente, personagens de contos não são pacientes, e nenhum deles recebe algum tipo de diagnóstico. Trata-se apenas de histórias que nos permitem abordar questões sobre sonhos e pesadelos dos seres humanos. (CORSO; CORSO, 2006, p. 22).

A escolha para realizar a análise de um filme veio também a partir das ideias do livro “Fadas no Divã: psicanálise nas histórias infantis”, de Corso e Corso (2006). Como exposto nessa citação, podemos extrair dessas histórias já consagradas elementos presentes no inconsciente de cada um, exemplificando questões vividas e traumas sofridos pelos sujeitos. Partindo do pressuposto de que a psicanálise se sente à vontade no terreno das narrativas, é possível fazer uso destas para compreendermos melhor aquilo que estudamos. Não se deve pensar que é possível esgotar os elementos de análise existentes nessas histórias, mas sim, que há uma possibilidade de encontrar diferentes modelos de compreensão das formas de estar no mundo.

O filme *O Rei Leão*, animação da Walt Disney Pictures de 1994, conta a história de Simba, o leãozinho filho do rei Mufasa e da rainha Sarabi. Assim que nasce, Simba recebe a bênção do babuíno Rafiki, um sábio solitário. Algum tempo se passa e o filhote de leão cai em um plano de seu perigoso tio Scar, que quer se ver livre do sobrinho e do irmão para ocupar seu lugar como rei. Mufasa morre e Simba é acusado de ser o responsável e, por isso, o leãozinho foge das terras do reino para viver em exílio. Lá, ele sobrevive com seus novos amigos, Timão e Pumba, seguindo a filosofia do “Hakuna Matata”: sem problemas e sem preocupações. Ao reencontrar Nala, sua amiga de infância, e Rafiki, Simba toma conhecimento de como estão as coisas em seu lar e decide retornar para ocupar seu lugar no trono, aquele que fora um dia o trono de seu pai.

O drama cinematográfico se empresta para falarmos de um drama social, aquele que todos nós vivemos ao nos encontrarmos frente à

paternidade e à morte de um pai que é compreendido como totalitário e detentor de todo o poder. A morte desse pai pode ser encarada de três maneiras distintas, sendo elas: a morte do pai real, a morte do pai simbólico e o pai morto socialmente.

Em primeiro lugar, ao tratarmos da morte do pai real, verificamos que o pai real é aquele que faz uma interdição na relação mãe-bebê através da privação. Sua morte pode ser observada em “Totem e Tabu” (FREUD, 1913/1996), quando os filhos se unem para assassinar o pai na tentativa de findar com a proibição a eles imposta. Eles logo percebem que não foi possível, visto que a lei do pai acabou sendo ainda mais intensa após sua morte.

Em seguida, quando falamos da morte simbólica do pai, tratamos da passagem pelo complexo de Édipo e pelo complexo de castração, o que é necessário para todos nós no seguimento de nossas vidas. No complexo de Édipo, o pai assume papel de ordenador, sendo ele tanto a porta de entrada quanto aquele que possui a chave para a saída deste complexo. Além disso, é o pai quem garante o nome das coisas e instaura a falta no sujeito, possibilitando-o tornar-se um sujeito desejante (JESUS, 2009). Sua morte simbólica está relacionada a essa etapa da constituição psíquica, quando o sujeito vê-se atravessado pela lei paterna e constrói seu superego, sendo instituídas a lei e a autoridade (EMIDIO; HASHIMOTO, 2012).

Por fim, podemos ainda pensar no pai morto socialmente, que se caracteriza pela destituição de figuras de autoridade na sociedade. Atualmente, boa parte da sociedade vem tentando negar tudo aquilo que configuraria um poder absoluto com o intuito de abrir caminhos para as diferentes maneiras de estar no mundo. Dentro disso, existe uma tentativa de acabar com o autoritarismo, o que muitas vezes é interpretado erroneamente como a destituição da paternidade, já que por muitos anos ela foi a própria representação da autoridade. Devemos ter em mente que negar o autoritarismo não é o mesmo que negar a autoridade, visto que seria muito difícil viver harmoniosamente em uma sociedade sem que houvesse uma interdição e compreensão dos limites do desejo de cada indivíduo.

Pode-se utilizar a animação de *O Rei Leão* para relacioná-la com diversos pontos da teoria psicanalítica fazendo uso das características dos personagens e de suas relações. Iremos manter o foco da análise na relação de Simba com seu pai, Mufasa; na vivência da morte do rei e a culpa que Simba sente com o fato; e na ocorrência da interdição paterna e da internalização da lei. Para realizar a análise do filme de forma mais didática, decidimos dividi-lo em três partes com o intuito de tornar cada etapa mais fluida com a teoria.

2.1 Ciclo da Vida: o nascimento de Simba

A primeira cena do filme retrata o nascimento de Simba e a ida de todos os animais da savana para a pedra do rei a fim de prestarem suas homenagens. Sendo o filme um musical, a emblemática canção que anuncia a chegada de Simba fala do “ciclo sem fim”, aquele que nos guiará até que encontremos o nosso caminho.

A vivência de parentalidade de Simba aparenta ser saudável e amorosa. Seus pais têm o papel de nutri-lo e de apresentar o mundo a ele. O pai é apresentado a Simba através do discurso de sua mãe, Sarabi. Ela coloca o pai no lugar de normatizador e, além disso, no lugar daquele que exhibe o mundo para o filho.

Como já citado no capítulo anterior, independente de o pai estar presente fisicamente ou não, sua função dependerá de como ele é falado pela mãe e de como ele assumirá o papel de interditor, tanto para o filho como para a mãe. Isso quer dizer que o pai será aquele que fará a mediação entre o desejo da mãe e do filho, exercendo o papel de terceiro na relação. Compreende-se o motivo da possibilidade de o pai não ser bem visto por ambos, uma vez que proibirá a realização do desejo do filho em possuir a mãe e do desejo da mãe de retornar o filho para dentro de seu ventre (JESUS, 2009).

Dor (1991, apud FERREIRA, 2012), ao tratar dessa introdução do pai a partir do discurso materno, fala dessa função de “embaixador” que o pai assume, visto que ele entra na relação dual mãe-bebê como uma autoridade do mundo externo que existe para além da dupla. É importante ressaltar que essa introdução do terceiro é que dá acesso à cultura, que possibilita à criança se identificar com os valores sociais, apropriar-se da proibição do incesto e constituir-se como sujeito desejante (FERREIRA, 2012), fato que é mostrado *en passant* na animação, mas que se faz presente.

Estamos então de saída em relação ao pai no simbólico já que só sabe que será ou é pai mediante fala da mãe. E é através do simbólico que a paternidade começa a ser inscrita, certificada e esse filho a partir desse momento também o é seu, não sendo apenas da mãe. Esse é o primeiro momento onde o pai faz sua marca, faz função. (JESUS, 2009, p. 9)

Neste trecho do artigo de Jesus (2009), fica clara a posição da autora sobre essa inserção do pai na vida psíquica da criança através do discurso da mãe. O pai só poderá se colocar como função paterna se houver permissão para sua entrada, assim como a criança só o conhecerá se houver essa introdução.

Mufasa, o rei, é mostrado no filme como um soberano respeitado e digno de sua posição, que compreende como a lei da natureza funciona sabendo que cada um possui um papel no ciclo da vida. Ele aparece cumprindo sua função paterna ao mostrar o reino para Simba. Mufasa apresenta as terras do reino falando de quais pertencem a eles e quais estão fora de seus limites, além de explicar que existem regras a serem obedecidas e, caso as ultrapasse, o filho deverá sofrer as consequências.

Emidio e Hashimoto (2012), ao discorrerem sobre o tema da função paterna, falam sobre aquele que poderá assumir essa função, fazendo que os outros se submetam às suas leis e proibições. Para os autores, essa função poderá ser assumida por todo homem que, em determinado momento, provar ser possuidor daquele elemento que o faz ser odiado e admirado (falo). Esse homem real, caracterizado por ser um tirano, será simbolicamente condenado à morte, visto que a relação de ambivalência sentida por seu filho entrará em vigor e, com sua morte, poderá ser admitido como pai e garantidor da lei. De

forma análoga, podemos relacionar o fato de Mufasa ocupar esse lugar de possuidor do falo, receptor de sentimentos ambíguos e garantidor da lei.

Outra relação que se define no início do filme é a de Simba com seu tio, Scar. O irmão mais novo do rei percebe que, com o nascimento do sobrinho, não é mais o próximo na linha de sucessão e passa a desejar a morte tanto de Simba quanto de Mufasa para ver livre seu caminho até o trono. Scar representa o oposto de Mufasa: um leão mau, que desobedece as regras, instiga Simba a ultrapassar os limites do reino, é solitário e é temido por todos. Simba, ainda em sua construção psíquica e incapaz de perceber essas nuances do tio, vê-se envolvido nessa dualidade de papéis paternos: seguir as regras como o pai e ser um bom rei *versus* provar sua coragem diante dos desafios do tio, desobedecendo às normas preestabelecidas.

É possível observar a diferenciação que as crianças fazem entre aquilo que é bom e aquilo que não é. Pode-se metaforizar a rivalidade dos dois leões mais velhos como sendo essa impossibilidade da criança em ver o pai tanto bom quanto mau: um leão incorporaria todas as qualidades boas que se espera de um pai, enquanto o outro seria o extremo oposto. A ambiguidade ultrapassa as características de cada um para atingir também os sentimentos de Simba para cada um configurando uma relação de amor e ódio.

Metaforicamente, podemos relacionar essa dualidade/ambiguidade com a teoria kleiniana que trata do complexo de Édipo desde o primeiro ano de vida do bebê. Klein (1945) trata da relação inicial do bebê com o seio da mãe, podendo este ser bom e amado ou mau e odiado, e essa relação é transportada para a futura relação com o pênis do pai. Pela impossibilidade de unificar esses elementos, o próprio pai é visto como totalmente mau ou totalmente bom e, só a partir da experiência vivida é que a criança aprende a lidar com suas frustrações e a perceber que o mesmo objeto pode ser às vezes bom, às vezes mau. Quando é possível para a criança introjetar esses dois elementos, ela consegue flutuar entre objetos e situações tanto interna quanto externamente.

Até este momento do filme, Simba não tem capacidade psíquica para compreender a complexidade dos seres. Assim, diante de Mufasa, seu pai bom e correto, Simba apresenta-se esforçado e tentando seguir as regras impostas. Em contrapartida, diante de Scar, um tio que também configuraria um executor da função paterna, o leãozinho quebra as regras, atreve-se a ir a lugares em que não seria permitido transitar e questiona as leis impostas, atuando ambigualmente, respondendo a cada situação em que se encontra.

Em uma das tentativas de provar-se corajoso para o tio, Simba canta uma canção expressando seu desejo de ser rei e como ele fantasia que isso se daria. Em sua idealização desejante, que seria ser o próprio pai, ele teria uma enorme juba e faria todos tremerem quando o ouvissem rugir – assim como acontece quando seu pai ruge. Simba experimenta uma situação de onipotência narcisista, muito comum na infância, tempo de formação do superego. Esse sentimento de onipotência mostra-se no desejo de Simba de que, quando for rei, poderá fazer o que quiser, sem levar em consideração que ser rei também requer lidar com seus próprios limites.

O filhote ultrapassa os limites do reino e encontra-se em uma situação de perigo no Cemitério de Elefantes, junto com sua amiga Nala e o conselheiro do rei, Zazu. Reis et al. (2015) relaciona tal momento com o complexo de Édipo para Freud: o leãozinho estaria no papel do menino que tenta destronar o pai e ocupar seu lugar para ganhar o amor incondicional da mãe. Tentando se defender, Simba não consegue rugir e é salvo por seu pai que, depois de estarem em segurança, dá uma lição em seu filho, falando sobre saber evitar situações de perigo e sobre a finitude da vida. Simba vê-se pequeno diante da grandiosidade do pai, o que poderia ser traduzido psicanaliticamente como uma angústia de castração, ao perceber que não é ele quem possui aquilo que o pai tem.

Laplanche e Pontalis (2001) discorrem sobre o complexo de castração relacionando-o intimamente com o complexo de Édipo e, ainda mais especialmente, com a função interditória e normativa que o pai exerce. O complexo de castração está relacionado à ideia infantil de que todos possuíam um pênis e, ao perceber a diferença anatômica entre os sexos,

resulta em uma angústia pelo medo de perder o pênis nos meninos ou por encontrar uma forma de substituí-lo ou compensá-lo nas meninas. Ele pode levar a efeitos observados na clínica como a inveja do pênis, o tabu da virgindade e o sentimento de inferioridade (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001).

Esse sentimento de inferioridade é justamente o que observamos no caso de Simba, pois o leãozinho vê-se impotente frente à máxima potência do pai. Mufasa conversa com ele sobre o inevitável término de seu reinado para que Simba ocupe esse lugar: para haver um novo rei, o antigo deve morrer. Logo, o desejo de Simba de tornar-se rei é vinculado, mesmo que ele não tenha consciência disso, com o desejo de morte do pai.

Reis et al. (2015) defendem o ponto de vista de que essa angústia sentida por Simba seria ainda mais primordial que a angústia de castração. Para os referidos autores, Simba sentiria medo de uma desfragmentação narcísica daquilo que antes havia sido tomado como íntegro. Ou seja, em algum momento anterior, o pequeno leão fora identificado e investido, antes mesmo de possuir defesas ou uma organização do eu e, por isso, ele consegue investir em si mesmo. No momento em que se vê novamente sem defesas, sente-se tão aterrorizado que gera essa angústia insuportável em seu psiquismo.

Há, nesse primeiro momento do filme, a exemplificação da interdição paterna na constituição psíquica do sujeito e a passagem pelo complexo de Édipo pelo pequeno leão.

2.2 Os limites de Simba e sua transgressão

Proveniente de um plano calculado por Scar e as hienas, Mufasa, o rei, morre e Simba acaba se sentindo culpado pelo fato. Com o intuito de fugir dessa culpa e incapaz de lidar com a situação frustrante, o leãozinho vai para além das terras do reino e isola-se em uma terra paradisíaca. Nela, ele conhece Timão e Pumba, dois animais com quem aprende a filosofia de

“Hakuna Matata”: sem regras, sem responsabilidades e, o melhor, sem preocupações, indo de encontro com seu passado que era cheio de proibições impostas por seu pai, Mufasa.

Podemos relacionar a fuga de Simba como um retorno ao estágio psíquico que é gerido apenas pelo princípio do prazer. O pequeno leão, que teria passado pelo complexo de Édipo, é incapaz de sustentar a realização de seu desejo de morte do pai e acaba regredindo para uma fase anterior em que as proibições ainda não haviam sido impostas. Neste paraíso em que Simba vai viver, ele atenderá às suas necessidades conforme elas forem surgindo sem ter que responder a ninguém, longe de qualquer elemento ou cobrança da cultura em que outrora estava inserido.

Um artigo freudiano que trata desse tema do desenvolvimento psíquico é “Além do princípio do prazer” (FREUD, 1920/1996), no qual Freud define uma nova forma de enxergar o aparelho psíquico dividindo-o entre três instâncias: Id, Ego e Superego. O Id acolhe as necessidades das pulsões e é a única instância a ser completamente inconsciente; o Ego domina os acessos à motilidade, interpõe o trabalho do pensamento entre a necessidade e o ato (segundo os princípios da realidade) e é investido de libido narcísica; e o Superego tem a função de julgar e criticar, representando a interiorização da interdição parental. Estes dois últimos possuem partes conscientes e inconscientes.

O princípio do prazer é aquele segundo o qual os eventos mentais são regulados; ou seja, é respondendo a ele que as tensões se colocam em movimento. Isso significa que o sujeito segue um curso de eventos buscando a diminuição das tensões e a evitação de desprazer ou uma busca pelo prazer (FREUD, 1920/1996). Acredita-se que o aparelho mental responda ao princípio do prazer uma vez que está sempre tentando diminuir a quantidade de excitação nele presente, buscando que ela seja tão baixa quanto possível. Devemos ressaltar que nem sempre é possível a diminuição total dessas excitações. Por isso, o aparelho psíquico pode ir se satisfazendo através de caminhos alternativos ou por aproximações do objetivo buscado.

A partir da compreensão do princípio do prazer, Freud (1920/1996) explica que é praticamente impossível viver respondendo somente a ele, uma vez que o sujeito acaba se vendo diante das dificuldades do mundo externo e com a necessidade de preservar-se. Para que essa autopreservação ocorra, ele é obrigado a responder ao princípio da realidade, que não nega a necessidade de obtenção de prazer, mas que adia essa satisfação e aumenta a possibilidade de tolerância até que esta seja obtida.

Levando em consideração que o ser humano é um ser que está imerso na cultura, seria necessário o pai para que o bebê não permanecesse nesse lugar de viver sempre sob a égide do princípio do prazer. O pai apresentará o mundo ao filho, trazendo com isso todas as proibições e os adiamentos da obtenção imediata do prazer. Somente com a introjeção dessa interdição paterna é que a criança será capaz de formar seu Superego e normatizar seus desejos dentro do que é aceitável socialmente.

Relacionando o filme com a teoria, percebe-se que o momento em que Simba se encontrava em sua organização psíquica, que a interdição parental marcaria a formação do Superego, ele foge para um local de realização primitiva de suas necessidades vivendo sob os caminhos do princípio do prazer. O filhote chega a vivenciar essa interdição do pai e até mesmo a internalização de sua lei (passando pelo Complexo de Édipo), mas o trauma pelo qual ele passa tem efeitos tão intensos, que ele regride a um estágio anterior e nele fica fixado.

A decisão de Simba em fugir demonstra sua impossibilidade de saber lidar com o real de seu desejo: a morte do pai. O leãozinho não saberia como a mãe reagiria nem como todo o reino se colocaria diante disso, pois Scar deixa claro para o filhote que, se não fosse por ele, o pai ainda estaria vivo. Como seria possível ver no real aquilo que desejou inconscientemente? A situação de possibilidade de morte e perda do pai se torna ainda mais assustadora quando de fato acontece, misturando o momento que o filhote passa entre a morte simbólica do pai e sua morte real.

E de onde surge esse desejo de morte do pai? Freud defende a justificativa de que seria durante a passagem pelo complexo de Édipo que esse desejo estaria presente, pela primeira vez, na vida psíquica da criança. Ao discorrer sobre esse complexo no artigo “Três ensaios sobre a sexualidade infantil”, Freud (1905/1996) aponta a ideia de que o referido complexo é o núcleo das neuroses e constitui parte essencial do conteúdo delas.

“Já disse com justiça que o complexo de Édipo é o complexo nuclear das neuroses e constitui a parte essencial do conteúdo delas. Ele representa o ápice da sexualidade infantil que, através de seus efeitos ulteriores, exerce decisiva influência na sexualidade dos adultos. Todos os que nascem neste planeta veem-se ante a tarefa de dominar o complexo de Édipo; quem quer que deixe de fazê-lo, é vítima de neurose.” FREUD, 1905/1996, p.47.

Faria (2003) faz uma análise deste artigo freudiano e trata do complexo de Édipo entendendo-o como um momento organizador do desenvolvimento infantil e que tem lugar quando a principal região de desenvolvimento sexual da criança é a genital. Neste momento, a mãe é compreendida como sendo o primeiro objeto de desejo da criança e o pai torna-se seu rival, transformando o desejo da morte do pai ativo para que a criança possa ocupar seu lugar.

A resolução deste complexo, para os meninos, estaria na vivência do complexo de castração que é perpassado quando o menino vê o órgão genital feminino e teme pela perda de seu pênis. A castração é inicialmente negada e, em determinado momento, é ressignificada pela criança que passa a compreender a possibilidade de presença e ausência. É nesse momento que a criança percebe que há dois caminhos a serem seguidos: afastar-se de seu objeto de amor (a mãe) para não perder seu pênis ou voltar-se contra o complexo de Édipo e identificar-se com o pai (FARIA, 2003). A partir dessa identificação com o pai, o menino consegue preservar seu pênis já que consegue se ver como detentor do falo, assim como o pai o é.

Por causa da morte real de seu pai, Simba não completa essa passagem de identificação com Mufasa e a formação de seu Superego não se completa, levando-o a retornar a uma fase anterior de organização psíquica.

Com o passar do tempo, nesse paraíso, a juba de Simba cresce e ele vai ganhando as feições do pai. Porém, ele não enxerga isso e nem faz uso desse adorno que quando criança tanto desejou, mostrando um distanciamento entre o que imaginava e ansiava ter e aquilo que de fato tornou-se realidade para ele. Com seu crescimento, não se tornou um rei que faria todos tremerem quando o ouvissem rugir, nem teriam inveja de sua juba.

2.3 O processo de retorno de Simba: a busca de sua identidade, a introjeção da lei e a identificação com o pai

Em determinado momento, Simba reencontra Nala, sua amiga de infância e ela conta para ele o que acontece no reino: está todo devastado, sem alimento, sem vida e com Scar no trono. Ela tenta convencer o então jovem leão a retornar ao lar através de justificativas racionais: “você é o legítimo rei, é a sua responsabilidade”. Simba não aceita essas justificativas e diz que acertar as coisas não depende mais dele, que o que ficou para trás não pode ser mudado. Nala se decepciona com sua resposta e não acredita no que o amigo diz, afirmando que ele não é mais o Simba que ela conhecia. Simba, por sua vez, confirma essa frase e diz que ela tem razão, que ele já não é mais o mesmo.

Após o trauma vivido, Simba enxerga-se como alguém diferente do que era, negando suas origens. Porém, isso não está bem resolvido nele, visto que se incomoda quando é instigado a voltar, a falar do passado. É necessário que ele percorra um caminho de autoconhecimento e aceitação para então poder prosseguir com aquilo que estava destinado a fazer. E esse caminho não seria fácil, apesar de trazer a possibilidade de muita aprendizagem.

É somente com Rafiki que Simba consegue iniciar o processo de retorno. O babuíno reaparece em sua vida e começa a questioná-lo se ele sabe quem ele realmente é, mostrando para ele a sua confusão. Rafiki define-o como sendo o filho de Mufasa, o que instiga Simba a querer saber mais. Os

dois passam por um caminho tortuoso e que Simba desconhece o destino, mas segue-o mesmo assim. Em seguida, o leão se depara com um reflexo na água onde ele consegue primeiro enxergar a si mesmo e, depois, ao pai. Nesta cena, Rafiki afirma que o pai vive nele.

Qual seria o papel exercido pelo babuíno nesse processo? Poderíamos compará-lo, metaforicamente, com aquilo que acontece na clínica psicanalítica, onde o analista ocupa esse lugar de instigador do autoconhecimento do analisante. Mourão (2011) trata desse assunto falando a partir de uma perspectiva lacaniana e discorre sobre o processo de transferência com o analista, no qual o sujeito irá supor no outro um saber que o transpassa e que seu sofrimento ou seus sintomas estão relacionados a esse saber. Rafiki não responde às perguntas de Simba, mas instiga-o a olhar mais profundamente, para que ele tente ver nele mesmo aquilo que mais teme, que seria confrontar-se com o pai que, simbolicamente, matou.

Ver a imagem refletida do pai quando era para aparecer a dele mesmo tem um forte efeito em Simba. É aí que ocorre, de fato, a identificação com o pai. Cabe ressaltar que essa identificação não significa assemelhar-se à determinada pessoa, até porque, se assim fosse, veríamos sujeitos constituídos sendo verdadeiras cópias de seus modelos. A identificação estaria mais ligada a um processo que se dá como o lugar construído inconscientemente pelos protagonistas dos campos desejante e normativo. É nesse lugar que a criança conseguirá colocar o pai quando se percebe um sujeito de falta e que deseja.

A partir daí, o filme mostra como o tempo mudou e, para retornar ao lar, o leão atravessa um deserto. Podemos compreender esse acontecimento como se ele estivesse percorrendo seu processo de análise, ultrapassando dificuldades, elaborando os fatos que ocorreram, sabendo que ele pode aprender com o passado e não apenas deixá-lo para trás.

Silva (2007) trata do processo de análise em cada sujeito e traz alguns autores que também falam do tema e o relacionam com a questão paterna. Lacadée (2006, apud SILVA, 2007) defende a ideia de que a análise

põe em questão o pai e sua função significativa que marca a entrada em jogo do desejo do pai. O sujeito, quando inicia sua análise, questiona o lugar do Outro, dirige suas angústias ao Outro, podendo estar disfarçadas por trás de interdições, reprovações ou censuras. E para onde essa demanda seria direcionada? O autor afirma que ela é direcionada ao pai, uma vez que o papel dele é justamente apresentar ao sujeito a dimensão da Outra coisa, de algo que existe para além dele mesmo.

Já entrando nas cenas finais do filme, quando Simba enfrenta Scar e assume sua responsabilidade pela morte do pai, ainda que tenha sido uma fatalidade, ele consegue rugir e lutar. Finalmente, torna-se um leão forte e com voz. Ele assume o lugar que fora do pai e o reino volta a florescer.

O filme termina com a cena inicial se repetindo, mas dessa vez é Simba quem ocupa o lugar do pai, apresentando seu filhote para todo o reino. Faria (2003) trata do complexo de Édipo através da ótica lacaniana, e, segundo a autora, é somente na passagem do final do complexo que o pai passa a ser usado pela criança como suporte de uma lei que lhe cabe representar, tornando-se permissivo e doador, e não mais onipotente e privador. Dentro disso, a forma como cada sujeito assume a paternidade e se relaciona com a lei que lhe cabe representar vem também de como isso foi assumido por seu pai e vivido por ele, significando esse processo de uma forma inteiramente individual e subjetiva.

Com isso, percebemos que a simbolização da morte do pai pelo sujeito possibilita-o adentrar em uma cultura, com disposição a exercer também esse papel de normatizador e perceber-se faltante, o que o leva a estar sempre em busca de algo, em busca de vida. A angústia vivida durante esse processo pode ser compreendida como necessária, visto que será elaborada psiquicamente como elementar para que o sujeito se constitua.

CONCLUSÃO

Propôs-se, nesse texto, pensar em como o pai é falado dentro da teoria psicanalítica. Dentro desse trajeto, iniciamos mostrando como a forma de compreender o “ser pai” veio se modificando dentro de nossa sociedade, saindo do lugar de detentor de todo o poder para aquele que compartilha suas responsabilidades e afetos que são destinados aos filhos. Essa modificação vem ocorrendo ao longo de vários anos e conseguimos fazer uma análise daquilo que já mostra sinais de mudanças até hoje, por mais que seja difícil definir o que é ser pai na atualidade.

Ainda nesse movimento de mudanças ocorridas, apresentamos como o pai foi sendo pensado dentro da teoria psicanalítica e como Freud inaugurou um lugar para esse pai dentro da constituição psíquica do sujeito. Freud defendeu um lugar de muita importância para esse pai, expandindo sua existência para além do biológico. O referido autor fez uma minuciosa análise bibliográfica e cultural para tentar compreender a importância do lugar desse pai dentro de nossa sociedade e também sua importância para o processo de surgimento do sujeito.

Como vimos no decorrer do primeiro capítulo, a passagem para que a lei paterna seja interiorizada ocorre dentro do percurso vivido com o complexo de Édipo e o complexo de castração. Neste momento, a criança se percebe como alguém que não possui aquilo que a mãe mais deseja e que quem tem essa posse é o pai. Surge, então, o desejo de morte do pai e, apesar de ocorrer de maneira diferente no menino e na menina, a resolução acaba mostrando que ambos são sujeitos da falta e que estarão sempre em busca de algo que nunca possuirão.

Cabe ressaltar a diferenciação que foi feita entre pai e função paterna. Apesar de Freud ter expandido o conceito de pai, foi Lacan quem trouxe essa ideia de função paterna para a teoria psicanalítica. E, nos dias atuais, a ideia de utilizar o termo “função” é muito conveniente, visto que estamos diante de infinitas possibilidades de formação de uma família e a

função paterna está relacionada a uma operação que introduz um terceiro na relação mãe-bebê até então existente e não a um indivíduo específico e biologicamente macho. Essa função faz surgir a falta, o desejo e, por consequência, o sujeito.

Freud (1913-1914/1996) tratou do mito da horda primitiva e disse da necessidade da morte do pai para que a lei fosse estabelecida e internalizada. A partir daí, podemos compreender como se dá esse processo de passagem do desejo da morte do pai, a sustentação de vivenciar a realização desse desejo e a impossibilidade de realização de tudo aquilo que se deseja. O sujeito acaba se vendo diante de uma lei que não pode ser questionada e que deve obedecê-la para que possa viver em sociedade.

Ressaltamos também neste primeiro capítulo a importância de haver a presença de uma autoridade na vida de um sujeito. Essa autoridade é vivenciada com a presença da função paterna que introduz o sujeito na cultura. E, para além da autoridade paterna, existem também outras instituições que representam essa autoridade, mas que vêm perdendo validade nos dias atuais, pela forma como as pessoas vêm questionando as formas de absolutismo em nossa sociedade. Porém, como foi exposto, mostramos que existe sim uma necessidade de haver uma autoridade, e isso não significa que deva existir um autoritarismo.

Passando por esse percurso de vivência de morte simbólica do pai, passagem pelo complexo de Édipo e de castração, interdição do desejo e internalização da lei, o sujeito vai se constituindo e sendo capaz de viver em sociedade. Notamos que o pai não precisa estar presente fisicamente para que a lei seja internalizada e para que essa interdição seja vivida pelo sujeito; a função do pai é simbólica e será vivenciada de forma subjetiva por cada um. A lei torna-se relacionável com o pai morto pois ela não pode ser questionada, desmentida ou desvalorizada.

No segundo capítulo, fizemos uma análise da animação *O Rei Leão*, da Walt Disney Pictures de 1994, com o objetivo de relacionar a teoria com o

drama vivido pelo leãozinho Simba. Foi possível levantar diversos pontos importantes no filme que possibilitam uma ponte teórica.

De início, apontamos como Simba vivencia a dissonância de desejos entre ser o melhor rei e ocupar o lugar do pai, mesmo que não perceba que desejar isso está relacionado com desejar a morte do pai. Neste primeiro momento, o leãozinho ainda não é capaz de se haver com esses desejos. Por isso ocorre uma polaridade de sentimentos, o que também aparece na polaridade entre seu pai e seu tio. Na animação, cada um aparece como o oposto do outro, refletindo uma representação da dupla bom/ruim, amor/ódio.

Quando Simba se vê diante da realização de seu desejo, não consegue lidar com isso e foge para um lugar no qual não há nenhum conhecido, um lugar onde ninguém poderá julgá-lo. Neste momento, relacionamos o fato com a passagem pelo complexo de Édipo, em que a criança deseja a morte do pai e precisa matá-lo simbolicamente para ser possível ocupar seu lugar.

A parte em que Simba vive a fase “Hakuna Matata” pensamos em um retorno psíquico para o momento em que a criança vive obedecendo ao princípio do prazer, não precisando responder a ninguém para fazer tudo aquilo que deseja. Diante da impossibilidade de viver respondendo somente ao princípio do prazer, o sujeito passa a responder ao princípio da realidade, que não significa que não busca o prazer, mas possibilita o adiamento de sua obtenção. Essa passagem de um princípio ao outro se dá com a constituição do Superego, que é feita com a passagem pelo complexo de Édipo e complexo de castração.

Destacamos esse percurso percorrido por Simba, quando ele se vê diante do reflexo do pai e se percebe como sendo também em parte ele. Neste momento, foi possível viver a internalização da lei e compreender que não se pode ter (nem ser) tudo aquilo que deseja. Assim, Simba consegue retornar ao seu lar para finalmente ocupar o lugar que era seu de direito.

A psicanálise consegue fazer uso de contos e histórias para representar aquilo que levanta teoricamente. Muitas questões são

representadas nesses contos infantis que podemos trazer para a atualidade e que dizem respeito a vários indivíduos, tenham a idade que for.

Neste trabalho, foi tratada a questão do pai em psicanálise, a diferenciação entre pai e função paterna, além da importância dessa função na constituição psíquica do sujeito. Ressalta-se que a utilização de um filme como possibilidade de exemplificação da teoria não esgota a leitura possível dele. Pelo contrário, abre ainda maiores possibilidades para que o tema seja estudado e aprofundado em futuras pesquisas.

REFERÊNCIAS

AMAZONAS, M.C.L.A.; BRAGA, M.G.R. Reflexões acerca das novas formas de parentalidade e suas possíveis vicissitudes culturais e subjetivas. **Revista Agora**, Rio de Janeiro, v. IX, n.2, p.177-191, 2006.

COSTA, J. F. **Ordem médica e norma familiar**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2004.

CORSO, D. L.; CORSO, M. **Fadas no divã**: psicanálise nas histórias infantis. Porto Alegre: Artmed, 2006.

EMIDIO, T. S.; HASHIMOTO, F. Reflexões sobre a função paterna e suas configurações no mundo contemporâneo. **Anais do V Congresso Internacional de Psicologia**, 2012, Maringá: Universidade Estadual de Maringá, 2012.

FARIA, M. R. **Constituição do sujeito e estrutura familiar**: o complexo de Édipo, de Freud a Lacan. Cabral: editora e livraria universitária, 2003.

FERREIRA, A. E. A morte do pai e o declínio da função de professor. **Revista IGT na Rede**, v. 9, n. 16. 2012.

FREUD, S. (1905). **Três ensaios sobre a sexualidade**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Rio de Janeiro: Imago, 1996, v. VII.

FREUD, S. (1913 [1912-13]) **Totem e Tabu**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Rio de Janeiro: Imago, 1996, v. XIII.

FREUD, S. (1920) **Além do princípio do prazer**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Rio de Janeiro: Imago, 1996, v. XVIII.

FREUD, S. (1923) **O Ego e o Id**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Rio de Janeiro: Imago, 1996, v. XIX.

FREUD, S. (1924) **A dissolução do complexo de Édipo**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Rio de Janeiro: Imago, 1996, v. XIX.

GOMES, R. M. M. A escrita freudiana do pai-sintoma. **Revista Agora**, Rio de Janeiro, v.6, n.2, julho/dez, 2003.

GOMES, A.J.S.; RESENDE, V.R. O pai presente: o desvelar da paternidade em uma família contemporânea. **Psicologia: teoria e pesquisa**, Bauru, v.20, n.2, p.119-125, 2004.

JAGER, M. E.; BOTTOLI, C. Paternidade: vivência do primeiro filho e mudanças familiares. **Psicologia: teoria e prática**, v. 13, n. 1, 2011.

JESUS, L. F. M. **A psicanálise quando fala da função paterna se refere ao pai da realidade?** Psicologia: o portal dos psicólogos. Centro Universitário Jorge Amado, 2009.

KLEIN, M. **O complexo de Édipo à luz das ansiedades arcaicas**. Rio de Janeiro: Imago, 1945.

LACAN, J. (1958) **O seminário livro 5 – As formações do inconsciente**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005. Trad. André Telles.

LACAN, J. (1938) Os complexos familiares na formação do indivíduo: ensaio de análise de uma função em psicologia. In **J. Lacan, Outros escritos** (pp. 29-90). Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS. **Vocabulário da Psicanálise**. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MARIOTTO, R. M. M. **O pai de avental – considerações sobre a transmissão do pai e a infância; ou de como o pai tem educado e o que as crianças têm aprendido**. In: COLOQUIO DO LEPSI IP/FE-USP, 5., 2004, São Paulo. Disponível em: <http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC000000032004000100053&lng=en&nrm=abn>. Acesso em: 08 Nov. 2017.

MONTEIRO, D. A. A função paterna e a cultura. **Cogito**, v. 3, p. 49-52, 2000.

MOURÃO, A. **Uma aventura no território da falta**. São Paulo: Cia de Freud, 2011.

REHBEIN, M.P. **Feminilidade e depressão pós-parto**. 2014. 233f. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica e Cultura) – Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

REIS, A. L. et al. O Rei Leão: sobre ser pai, Édipo e gênero. 2015. **Anais do IV Congresso Nacional de Psicanálise: leituras da paternidade, leituras de Íon, de Eurípedes**. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2015.

RIBEIRO, M. V. M. A educação e a psicanálise: um encontro possível? **Psicologia: Teoria e Prática**, v. 2, Brasília, 2006.

SENNA, A. et al. O pai na psicanálise. **Primórdios – CPRJ**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 91-116, 2010.

SILVA, J.M. **O lugar do pai:** uma construção imaginária. 2007. 150p. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

ZORNIG, S. M. A. Tornar-se pai, tornar-se mãe: o processo de construção da parentalidade. **Tempo Psicanalítico**, Rio de Janeiro, v. 42.2, 2010.